

HOFF, Sara Luiza. Resenha de *Problemas Gerais de Linguística*. ReVEL, vol. 18, n. 34, 2020. [www.revel.inf.br]

RESENHA DE *PROBLEMAS GERAIS DE LINGUÍSTICA*

Sara Luiza Hoff¹

saraluizahoff@gmail.com

Como o título claramente indica, a obra *Problemas gerais de linguística*, publicada em 2019 por Valdir do Nascimento Flores, apresenta discussões que não se limitam a uma única subárea ou tipo de linguística; do contrário, nela, o autor tematiza assuntos que são, nas suas próprias palavras, “[...] *transversais* a toda e qualquer linguística [...]” (FLORES, 2019, p. 19, grifo do autor). Cada capítulo do livro é apresentado sob forma de ensaio, possibilitando – se assim se desejar – uma leitura não linear. Cada ensaio apresenta uma reflexão em torno de um problema específico, compreendendo o entendimento do autor sobre o assunto, o embasamento teórico para o seu posicionamento e alguns questionamentos em torno da temática em debate.

Os assuntos abordados abrangem, por exemplo, desde as relações entre língua e pensamento e entre a linguagem e as línguas até fenômenos específicos, como a voz e a metalinguagem, fenômenos esses considerados postos de observação que possibilitam lançar o olhar para a linguagem. A escolha dos objetos de reflexão não é aleatória; além da transversalidade nas linguísticas, os assuntos selecionados têm em comum o fato de serem controvertidos e, logo, ainda passíveis de problematização, gerando novas discussões e reflexões.

Ao mesmo tempo, também é importante notar que a diversidade temática de *Problemas gerais de linguística* não implica falta de homogeneidade, já que um fio condutor – explicitado na introdução e retomado em todos os ensaios – guia a obra: a condição de falante do homem, evidenciada pela expressão “*Homo loquens*”. A inspiração em Émile Benveniste (1988) fica clara aqui: trata-se do homem se transformando em sujeito ao falar. Porém, o sustentáculo do livro não se baseia

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras (Estudos da linguagem – Análises textuais, discursivas e enunciativas) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

unicamente no linguista sírio-francês: Giorgio Agamben (2008a; 2015), Ernst Cassirer (2012) e, principalmente, Jean-Claude Milner (1995), entre outros, contribuem para o posicionamento central da propriedade *loquens* do ser humano na reflexão de Flores, permitindo que a experiência do homem enquanto falante ocupe o ponto central de todas as discussões do livro.

Esse tema recorrente fica evidente já no primeiro capítulo da obra, reservado à relação entre a linguagem e as línguas. É no falante que Flores encontra a vinculação entre esses elementos. Isso é feito por meio de três ideias. A primeira é o fato de que a linguagem é uma propriedade humana, um princípio defendido através do recurso a noções fornecidas por três autores: a antropologia proposta por Wilhelm von Humboldt (2000), em que o estudo das línguas em sua diversidade permite chegar ao conhecimento da linguagem e do homem; a concepção da língua enquanto produto social, dependente do sujeito falante, desenvolvida por Ferdinand de Saussure (2004); e a indissociação entre o ser humano e a linguagem e as línguas, defendida por Émile Benveniste (1988; 1989). Outra característica da linguagem é que ela se manifesta em realizações particulares: as línguas. Essas duas características são conciliadas, por meio do processo – entendido por Flores como universal – de enunciação, de colocação de uma língua particular em uso individualmente por cada falante. Ao conceder à enunciação e as suas categorias o estatuto de universal linguístico, Flores propõe um novo olhar para os estudos da linguagem, que enfoca a experiência humana na linguagem e a natureza simbólica do homem. Trata-se, portanto, de uma reflexão linguística eminentemente antropológica.

A enunciação enquanto processo simultaneamente singular, particular e universal continua ocupando lugar de destaque no segundo capítulo de *Problemas gerais de linguística*, que se dedica a examinar a ligação entre a língua e a realidade por meio da noção de autorreferência. A perspectiva de Flores novamente se baseia declaradamente em Benveniste (1988), pois este permite pensar que a utilização de signos autorreferenciais implica a referência a uma realidade outra que a do mundo concreto: a realidade do discurso. Trata-se, então, de uma realidade estabelecida pelo locutor no momento em que faz uso da língua, tornando-se presente nessa língua ao declarar-se “eu” e instaurar um determinado alocutário “tu” e um tempo e um espaço da enunciação. Ao realizar esse movimento, então, o falante estabelece uma relação específica e particular entre a língua e a realidade, fundando a sua própria realidade, construída em e por meio de seu discurso.

O capítulo seguinte também examina a língua em relação, embora o elemento com o qual ela se relaciona mude: é a sociedade que se torna o foco de interesse. Mais uma vez, essa relação é analisada tendo como ponto de partida uma afirmação de Benveniste (1989): a língua contém a sociedade. A análise do texto em que essa proposição é apresentada – “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” – e o exame do método utilizado por Benveniste (1995a) nas análises comparatistas da obra *Vocabulário das instituições indo-europeias* leva ao entendimento de que as relações sociais de um dado agrupamento humano – que estão presentes nas instituições – são comportadas pelo conjunto de formas significantes da língua. Ao mesmo tempo, porém, fica evidente que o falante não pode ser deixado de lado quando a relação entre língua e sociedade está em jogo, já que é através da enunciação que o ser humano se insere na sociedade. Além disso, a menção à sociedade é acompanhada de uma noção correlata: a cultura, que se relaciona à capacidade – exclusivamente humana – de simbolizar e também se associa à língua, imprimindo-se nela por meio do uso. Desse modo, sobressai-se a imprescindibilidade de considerar o ser humano ao buscar um entendimento das relações entre língua e sociedade e/ou cultura.

O quarto capítulo também considera – embora brevemente – a propriedade de simbolizar da língua. Nada mais natural, já que ele se dedica a interrogar a relação entre língua e pensamento. A reflexão se concentra majoritariamente na apresentação e discussão do texto “Categorias de pensamento e categorias de língua”, também de Benveniste (1988). Nele, esse linguista propõe uma problematização das categorias de pensamento propostas por Aristóteles, que, no seu entendimento, são, na verdade, categorias da língua grega. Tal posicionamento é demonstrado pela comparação do verbo que corresponde a “ser” em grego e em ewe (língua falada no Togo). Essa análise leva à conclusão da impossibilidade de separação entre língua e pensamento, sendo a primeira condição para a expressão do segundo. Essa modelagem do pensamento pela língua, ainda na perspectiva benvenistiana, se deve ao aspecto simbólico da linguagem. A consideração da relação entre língua e pensamento também põe em debate a questão dos universais linguísticos – que, como explicitado anteriormente, para Flores, se relacionam ao falante e à enunciação –; e, ao mesmo tempo, conseqüentemente, põe-se em destaque a diversidade das línguas – que constituem meios específicos e particulares de expressão dos seres

humanos –, revelando, igualmente, a importância da tradução, em que esses todos esses elementos convergem.

Há uma certa mudança nos cinco capítulos seguintes de *Problemas gerais de linguística*: cada um deles se centra em um fenômeno específico. Pertinentemente, a tradução é um deles.

Antes de tomar o processo tradutório como objeto, no entanto, Flores discute, no quinto capítulo, o fenômeno de passagem da criança a falante, apontando, inicialmente, algumas características desse processo. A primeira é a ausência de testemunho direto da experiência dessa passagem a falante, que só pode ser relatada por terceiros; a segunda, por sua vez, consiste na percepção da língua da criança como não toda (cf. MILNER, 1978), o que permite que ela seja tomada como um indicador da maneira como a língua toma lugar na criança. Estabelecidos esses atributos, o autor passa a refletir sobre o que a criança adquire, rompendo com a tradição de falar em “aquisição da linguagem”. Tal questionamento acaba levando ao apontamento da importância da consideração da diversidade das línguas quando se fala nesse assunto, posto que o que efetivamente se fala são línguas. Atenta-se, ainda, para o fato – argumentado com base em pensadores como Steiner (2005), Humboldt (2000) e Jakobson (1972) – de que, ao passar a falar uma dada língua, a criança também adquire e, ao mesmo tempo, dá existência ao universo dessa língua.

Já o sexto capítulo, como antecipado acima, se centra na questão da tradução, tomando como base o texto “Aspectos linguísticos da tradução”, de Roman Jakobson (1974). Flores assinala a relevância da função metalinguística para as teorizações de Jakobson, especialmente ao se considerar a presença do termo “interpretação” na sua clássica definição dos diferentes tipos de tradução (intralingual, interlingual e intersemiótica). Assim, torna-se possível problematizar a noção de equivalência (frequentemente citada em estudos da tradução): a incorporação da metalinguagem na reflexão acerca do processo tradutório implica, também, a consideração do falante – e, conseqüentemente, do discurso –, que passam a estar no cerne da equivalência. Dois pontos de vista decorrem dessa percepção. O primeiro diz respeito à importância dos comentários de tradutores sobre as suas experiências, que constituem a “[...] metalinguagem da experiência de metalinguagem” (FLORES, 2019, p. 239). Já o segundo indica a relevância da língua materna do tradutor, que sempre participará de qualquer prática tradutória.

A tese desenvolvida no sétimo capítulo, por sua vez, diz respeito à voz, uma temática que, como o próprio Flores anuncia, é, na maioria das vezes, ignorada pela linguística. No entanto, o autor defende que a voz pode se tornar objeto dos estudos da linguagem se for relacionada ao *Homo loquens*, ao homem que fala. À vista disso, surge a proposta de uma antropologia da enunciação, que se baseia no saber acerca do ser humano que deriva justamente da expressão verbal, da experiência de utilização da língua. Trata-se, portanto, de uma forma de reflexão baseada em comentários – contornos de sentido – sobre fenômenos linguísticos produzidos pelos falantes na tentativa de explicar as experiências linguísticas que vivenciam. Tais fenômenos, é importante notar, não se restringem à voz: a aquisição da língua/linguagem e a tradução são outros exemplos citados, por exemplo. Essa proposta de antropologia da enunciação é demonstrada de modo prático, através da apresentação e análise de comentários que buscam qualificar a voz de diversos cantores e cantoras brasileiros e dos possíveis saberes que emergem desses contornos de sentido.

O tema abordado no capítulo seguinte também é um dos fenômenos contemplados pela antropologia da enunciação: as patologias de linguagem. Principiando com um relato extraído do livro *O escafandro e a borboleta*, de Jean-Dominique Bauby (2009), sobre as consequências de um acidente vascular cerebral, o ensaio também compreende uma reflexão – que toma como base apontamentos de Benveniste (1995b) e Agamben (2008b) – sobre o sujeito falante enquanto testemunha de sua própria experiência de linguagem. Há, nesses termos, duas possibilidades para alguém ser testemunha: como *testis*, ou seja, um observador, um terceiro, ou como *superstes*, aquele que vivencia algo, que dá testemunho da sua própria experiência. No caso de falas sintomáticas como a de Bauby, o seu testemunho como *superstes* evidencia a existência de uma dissociação entre os domínios semiótico (que corresponde, *grosso modo*, ao sistema de signos, que devem ser reconhecidos pelo falante como pertencentes à língua) e semântico (que representa o nível do discurso, que deve ser compreendido) (cf. BENVENISTE, 1989), demonstrando a singularidade da condição do falante com alguma patologia de linguagem. O relato sobre a afasia de Émile Benveniste finaliza o capítulo, apresentando a perspectiva dos *testēs*, revelada através dos relatos dos seus visitantes no hospital, observadores de sua impossibilidade de falar.

O último fenômeno contemplado amplamente por Flores, no capítulo nove, é a metalinguagem. É o uso da língua em comentários feitos para falar da própria língua no cotidiano que interessa à reflexão, que se apoia, novamente, em diversos estudiosos, com destaque especial para observações de Jakobson (1974) a respeito da função metalinguística e para teorizações de Benveniste (1989; 2014) sobre a propriedade de interpretância da língua – que é o único sistema que interpreta a todos os outros e a si mesma. O fato de o sujeito falante ser capaz de comentar acerca de sua experiência enquanto falante é entendido como um indício da possibilidade de tomar esse falante como um etnógrafo de si mesmo. Essa proposta é ilustrada através da exposição e análise de um trecho de *Depois de Babel* em que George Steiner (2005) discute o seu processo de aprendizado e a sua relação com suas três línguas maternas (alemão, francês e inglês), que demonstra tanto o lugar que a língua ocupa nele quanto o espaço ocupado por ele na língua.

Problemas gerais de linguística se encerra com um capítulo em que Flores adota uma perspectiva mais prospectiva, discorrendo sobre dois pontos.

O primeiro consiste em uma comparação entre a ideia de linguística geral e a noção de problemas gerais. A linguística geral geralmente é percebida como um projeto baseado em um desejo de unificação, um conjunto de princípios generalizados e/ou uma generalização das diferentes linguísticas; por outro lado, os problemas gerais – que têm na transversalidade o seu aspecto mais fundamental – compreendem “[...] os problemas gerais de natureza linguística que afetam a vida do homem como ser social que é” (FLORES, 2019, p. 336).

A segunda parte do capítulo, por sua vez, apresenta outros problemas transversais à linguística que não foram contemplados ou que foram abordados apenas tangencialmente ao longo da obra. São seis as temáticas citadas, cada uma acompanhada de alguns apontamentos e ponderações. O primeiro tema retoma assuntos tratados anteriormente, como a diversidade das línguas e a singularização do falante, e aparece em forma de questão: universal ou universais? O segundo tópico mencionado é o debate em torno da origem das línguas e origem da linguagem, que se relaciona a reflexões sobre diversas matérias, desde a relação com o pensamento até aspectos culturais e biológicos. Em seguida, Flores aponta para a importância da reflexão sobre a distinção (ou ausência de distinção) entre a linguagem humana e a linguagem animal, enfatizando a relevância do fato de a linguagem estar na natureza do ser humano para as pesquisas sobre o assunto. O quarto tema, por sua vez, diz

respeito ao signo linguístico. A questão principal dentro dessa temática, para Flores, é a teoria da significação implicada pelo pensamento sobre o signo, em torno da qual a reflexão deveria se concentrar. A discussão seguinte proposta por Flores se refere à relação entre a língua e os demais sistemas semiológicos e se centra em proposições sobre o assunto feitas por Saussure (1975) ao propor a semiologia e por Benveniste (1989; 2014) ao discorrer sobre a dupla significância dos modos semiótico e semântico e a noção de interpretância da língua, abrindo o caminho para o desenvolvimento de uma semiologia de segunda geração. Por fim, o último tema proposto concerne às relações entre forma e sentido, posto que ainda existe a necessidade de estabelecer um modo de análise que congregue esses dois elementos, considerando tanto aspectos analíticos (referentes à decomposição em unidades menores) e sintéticos (implicando um olhar para a globalidade).

Um primeiro ponto que chama a atenção em *Problemas gerais de linguística* é justamente o fato de a obra ser concluída com questões deixadas em aberto, mostrando que a intenção do autor – ao longo de todo o livro – não é apresentar respostas definitivas para as problematizações de que se ocupa, mas sim expor as suas ponderações sobre as temáticas escolhidas, abrindo espaço para diálogos, debates e prospecções.

Também é importante ressaltar o visível empenho e cuidado do autor na elaboração das suas reflexões. Nesse sentido, a quantidade e a variedade de autores citados são dignas de nota: além dos diversos teóricos mencionados acima, que já permitem entrever o alcance e a potência investigativa da obra, muitos outros estudiosos – linguistas das mais variadas áreas, filósofos, escritores, antropólogos, tradutólogos, psicanalistas etc. – aparecem como autores das referências bibliográficas consultadas. Além disso, destaca-se também o modo de construção do pensamento, claro, elegante e preciso, o que não implica, entretanto, ausência de complexidade e gravidade. Pelo contrário: a magnitude da reflexão é evidente, principalmente ao levar em consideração a relevância e a abrangência dos assuntos abordados, que são fundamentais para qualquer reflexão linguística. Tudo isso faz de *Problemas gerais de linguística* uma obra de referência para qualquer linguista que se interrogue sobre a linguagem.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008a.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha. Homo Sacer II*. Tradução de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008b.
- AGAMBEN, Giorgio. *A potência do pensamento: ensaios e conferências*. Tradução de António Guerreiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- BAUBY, Jean-Dominique. *O escafandro e a borboleta*. 2. ed. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-europeias: vol. I - Economia, parentesco, sociedade*. Tradução de Denise Bottmann. Campinas: Pontes, 1995a.
- BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-europeias: vol. II - Poder, direito, religião*. Tradução de: Denise Bottmann e Eleonora Bottman. Campinas: Pontes, 1995b.
- BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France 1968 e 1969*. Tradução de Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. 2. ed. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. *Sur le caractere national des langues et autres écrits sur le langage*. Tradução, apresentação e comentários de Denis Thouard. Paris: Ed. Du Seuil, 2000.
- JAKOBSON, Roman. *Child language, aphasia and phonological universals*. The Hague/Paris: Mouton, 1972.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1974.
- MILNER, Jean-Claude. *L'amour de la langue*. Paris: Seuil, 1978.
- MILNER, Jean-Claude. *Introduction à une science du langage: édition abrégée*. Paris: Éditions du Seuil, 1995.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de linguística geral*. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.
- STEINER, George. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Tradução de Carlos Alberto Faraco. 3a. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis: Vozes, 2019.